
O CORPO À LUZ DE KANT: SUGESTÕES PARA PENSAR ABORDAGENS, CORRELAÇÕES E DESDOBRAMENTOS

THE BODY IN THE LIGHT OF KANT: SUGGESTIONS FOR THINKING ABOUT
APPROACHES, CORRELATIONS AND DEVELOPMENTS

Ana Monique Moura¹

Resumo:

Tomamos de Kant quatro importantes obras, são elas: *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime* (1764), *Resposta à Pergunta “O que é esclarecimento”* (1783), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790). Nestes escritos de Kant capturamos algumas partes nas quais o filósofo faz algumas importantes reflexões sobre o corpo. Na primeira obra, Kant o faz segundo a perspectiva da atenção ao binômio sexual, na segunda, no segundo texto, ele propõe o conceito de “belo sexo” ao referir-se às mulheres, na terceira obra, ele pensa o corpo na sua afecção moral e, na última obra, ele invoca a posição do corpo na experiência contemplativa da natureza ou da arte e também segundo sua teleologia. Aqui queremos discutir sobre como o tema do corpo, a partir dessas variadas perspectivas, se comprometem, ou não, com o tema da razão e da criticidade enquanto prática humana e social em possíveis desdobramentos.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Crítica; Criticidade; Razão.

Abstract:

We take from Kant's four important works, they are: *Observations On The Feeling Of The Beautiful And The Sublime* (1764), *Answer To The Question “What is Enlightenment”* (1783), *Critique of Practical Reason* (1788) and *Critique Of The Faculty of Judgment* (1790). In these Kant's writings, we capture some parts in which the philosopher makes some important reflections on the body. In the first work, Kant does so from the perspective of attention to the sexual binomial, in the second, in the second text, he proposes the concept of “beautiful sex” when referring to women, in the third work, he thinks of the body in its affection moral and, in the last work, he invokes the position of the body in the contemplative experience of nature or art and also according to its teleology. Here we want to discuss how the theme of the body, from these different perspectives, is committed, or not, with the theme of reason and criticality as a human and social practice in possible developments.

Keywords: Body; Corporeality; Criticism; Criticality; Reason.



¹ Professora no departamento de Filosofia do Campus Caicó da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorado em Filosofia pela UFPB/HGB, Alemanha. Contato: anamoura@uern.br

Introdução

O conceito de corpo na filosofia de Kant estabelece uma relação com um sentido complexo e que, ao mesmo tempo, muda em acordo com os períodos de sua produção filosófica. Essa abordagem nos fornece margem para pensarmos o percurso do tema e como ele se coloca, por fim, na chamada fase crítica de Kant. Diante desse contexto nos parece viável avaliar como se trata o peso do(s) sentido(s) do corpo a partir da arquitetura do pensamento kantiano e, desde esse ponto, avançar para abordagens correlacionáveis a outras ideias filosóficas sustentadas na preocupação com a compreensão do corpo.

Posicionamentos de Kant sobre o corpo entre a fase pré-crítica e a fase crítica

Em sua obra pré-crítica, *Observações sobre o sentimento do Belo e do Sublime*, publicada em 1764, Kant tenta, por meio de uma espécie de discurso estetizante da biologia, defender a finalidade da espécie humana. Essa estetização é promovida por meio de um discurso contemplativo confluído com uma valoração moralista. Dentro disso, há um esforço por precisar a natureza física humana como determinada por um binômio sexual. Aqui, a referência de Kant ao corpo segue o sentido do termo alemão *Körper*, que se refere ao corpo segundo a sua sexualidade. Ademais, Kant atribui ao sexo o sentido de gênero. Por isso, a condição biológica do sexo aqui é encarada como parte decisiva da cultura moral humana.

O discurso estético, conduzido a essa esfera biológica da natureza humana, vem delimitar, por Kant, a mulher como o símbolo do belo, e o homem como o símbolo do sublime (KANT, 1993, p. 47-8).² Em sua abordagem, a mulher sempre tenderá a apreender a natureza segundo um belo entendimento e sentirá a natureza segundo um belo sentimento (KANT, 1993, 49).³ Neste cenário, não apenas estetizante, mas moralizante, das condições biológicas do corpo segundo o sexo, “a virtude da mulher é bela [*schöne Tugend*]; a do sexo masculino deve ser nobre [*edle Tugend*]” (KANT, 1993, p. 51).⁴ Ademais, Kant segue afirmando que “a mulher possui um forte sentimento inato por tudo o que é belo, gracioso e ornado” (KANT, 1993, p. 48).⁵ E segue:

o belo sexo possui tanto entendimento quanto o sexo masculino; trata-se, porém, de um belo entendimento, enquanto o nosso deve ser um entendimento profundo, expressão que significa o mesmo que um entendimento sublime” (KANT, 1993, p. 49).⁶

Há também referência ao sentido da razão especulativa. E ele lança a advertência sobre os sexos. Qualquer desvio destas características, as quais Kant nomeia como impulsos naturais [*Naturtrieben*], tratar-se-á de uma ação mal feita à natureza (KANT, 1993, p. 62-3).⁷ Portanto, o homem que guarda características afeminadas e/ou a mulher que guarda características masculinas estará contra o sentido de unidade da razão, ou ainda, do símbolo ideal do que seja o racional. Kant

² Versão alemã: KANT, p. 850,1.

³ Versão alemã: Idem, p. 852.

⁴ Versão alemã: Idem, p. 854.

⁵ Versão alemã: Idem, p. 851

⁶ versão alemã: Idem, p. 851

⁷ Versão alemã: Idem, p. 866

fala, nesse caminho, que “a mulher não aprenderá geometria; e, do princípio de razão suficiente ou das mônadas, saberá apenas o quanto for necessário para perceber o sal das sátiras cristalizado pelos pensadores superficiais de nosso sexo.” (KANT, 1993, p.49-50).⁸ E, ainda, em tom de pilhéria, fala “o belo sexo pode deixar Descartes sempre a girar seus vórtices, sem se afligir com isso” (KANT, 1993, p.49-50).⁹

Mesmo que Kant aqui se refira ao uso da razão especulativa, há uma referência ao significado moral desse uso. Trata-se de um código de ética a partir do que se pensa do corpo do e ou da mulher. Neste aspecto, ficam demarcados nesta obra uma abordagem que passa pelo o que poderíamos chamar de eixo bioestético, até chegar ao eixo moral, o qual vem ganhar o sentido de unidade para a convivência entre os corpos ou entre os sexos, relembramos, dentro de um sistema de binômio sexual acrescido de uma simbologia estética para a moralidade.

O tema da moralidade humana em Kant, porém, só nos chega com um sistema filosófico organizado, a partir da publicação da *Crítica da Razão Prática* (1788), ou seja, na segunda fase de seu pensamento, a fase crítica. O que parece muito atrativo é que, numa obra na qual a razão é tema precípua, a vontade se sobreleva como protagonista (Cf. KANT, 2013, 77). E, nesse sentido, falar em vontade, nos faz voltarmos para o problema do seu receptáculo: o corpo.

Na *Crítica da Razão Prática*, Kant concebe o que chama de princípios materiais, um outro termo para falar sobre princípios do corpo, que aqui é encarado não mais segundo o sentido alemão *Körper*, mas *Leib*, que também significa corpo, contudo, segundo uma perspectiva mais ampla, i.e., não fincada numa referência ao sexo ou aos determinismos de gênero que advém dele. Falamos agora de um corpo filosófico, que assume nisso um sentido metafísico, falamos de uma matéria imbuída de uma subjetividade não material, independente de seu sexo e que é capaz, portanto, de transcendê-lo.

A matéria corporal está entre dois princípios: o princípio de felicidade e o princípio de uma razão pura que possa seguir uma teoria prática. Naquele, o corpo e, neste, a vontade que aí pulsa, age mediante o impulso [*Stimmung*] ou instinto [*Trieb*]. Já o outro princípio, o sentimento moral, age de acordo, sim, também com um corpo, também com uma vontade que nele pulsa, mas este corpo e esta vontade se autodeterminam a uma razão prática.

Esta separação é capaz, contudo, de causar alguns desentendimentos na esfera da filosofia de Kant. Pode, em suma, parecer que Kant tenha separado em demasia o campo do corpo físico do campo da subjetividade moral. Porém, embora haja a distinção de nomenclaturas e a promoção de uma dicotomia, o eixo moral só pode se realizar *no e mediante* o corpo. As sensações do corpo se constituem, para a pessoa de posse da razão, uma espécie de atenção à escassez, logo, necessidade, de sentimento superior. O próprio uso de uma razão prática se dá, tão somente, pelo uso de uma vontade capaz de instituir uma máxima plenamente racional e prática sobre sensações físicas primárias e os desejos mais repentinos e primitivos.

Kant trará a ideia, nos teoremas da *Crítica da Razão Prática*, de que a matéria de um princípio prático é objeto da vontade.¹⁰ Mas essa vontade, mencionada por

⁸ Versão alemã: Idem, p. 852

⁹ Versão alemã: Idem, p. 852

¹⁰ Leonel Ribeiro dos Santos, ao detectar o tema da vontade, escreveu uma obra intitulada “*A razão sensível*”, na qual ele esmiúça as relações imbricadas e implicantes entre a vontade e a razão. Também aqui no Brasil, o pesquisador Valerio Rohden admitiu esta esteira de interpretação e nos traz as

Kant, é algo que transcende as próprias demandas do corpo, ou ainda, as pequenas e primárias vontades dele. Existe uma vontade superior que se constitui como uma mediação para o acesso à lei moral da razão prática. É uma vontade pensada e elaborada e, nesse sentido, racional. Mas, para Kant, pensar a razão, não significa invocar uma faculdade isolada em si e cujo único sentido é sua própria racionalidade tautológica. Para Kant, pensar a razão é pensar no processo de criticidade e isso é um exercício para fora, para o fenômeno. Na perspectiva da razão prática, a moralidade se perfaz pelo exercício da criticidade sobre nossas pequenas vontades e funda o processo do uso de uma vontade racional. A crítica racional sustenta uma nova vontade e essa nova vontade dá ensejo ao sentido de razão prática, porque o sentido de prática depende do exercício da vontade, já que vontade é força vital, por isso, condição de ação (Cf. KANT, 2013, p. 73, 111). A ação moral de um corpo resultará no sentido da ação de uma subjetividade moral. Isso transcende o próprio sentido primário de corpo. Parte dele e o ultrapassa, porque elabora um sentimento superior junto a uma ação superior às camadas primárias do que sentimos e do modo como agimos sem o norteio da criticidade moral.

A partir da *Crítica da faculdade do juízo*, publicada em 1790, o corpo é visto tanto sob o ponto de vista da experiência estética, como sob o ponto de vista da teleologia. No campo da estética, o corpo não é pensado como em *Observações*, ou seja, pela via do que aqui chamamos de bioestética da moralidade, ou seja, prontamente, segundo a via da sexualidade do corpo enquanto organismo físico (*Körper*) no entrelaçamento com uma simbologia estética e com o sentido moral dos corpos. O corpo ali é pensado, por outro lado, segundo uma perspectiva marcadamente ligada ao processo de ajuizamento reflexivo, que não é outra coisa que a pedra de toque temática de toda esta terceira crítica, desembocando no sentido de corpo enquanto algo que ultrapassa a materialidade física (*Leib*). Esse juízo reflexivo tem uma paridade significativa com o que invocamos, ao falar sobre *Crítica da Razão Prática*, por criticidade, no exercício da vontade racional. Porém, no caso da *Crítica da Faculdade do Juízo*, a crítica estará aqui relacionada à capacidade do indivíduo de exercer sua subjetividade na experiência estética e conceber o objeto a partir de considerações criativas, imaginativas e livres da determinação (Cf. KANT, 2005, p. 47). Isso é o que irá diferenciar a experiência estética, que é reflexiva, da apreensão determinante do objeto, que é própria do conceito que traz determinação (*Bestimmung*) científica. Assim, o conceito científico lida com o corpo em seu sentido físico e orgânico (biológico), a experiência estética lida com o corpo em seu sentido subjetivo e crítico.

E esta via do ajuizamento reflexivo marca também o significado teleológico, ou seja, o dever dos seres - e nisso, os corpos - humanos. Sobre isso, Kant nos deixa claro que pensar o dever físico não pode caber à ciência, nem à arte, mas à teleologia. Trata-se de pensar, claramente, o corpo em seu sentido particular para atingir o sentido universal, coletivo. Ou seja, é um processo que vai do corpo físico do indivíduo à corporeidade moral dos indivíduos condensada no sentido de humanidade.

Ficamos então diante de uma problemática basilar: a diferença entre dois sentidos para o corpo (*Körper* e *Leib*), sendo um resumido ao sexo e outro ampliado para além dele (como se destaca nas obras críticas de Kant), estando, contudo, ambos significados, de alguma maneira, relacionados com o tema da estética e da

relações entre vontade, corpo e prazer no texto “*Viver segundo a ideia de natureza.*” Theophilos, v. 4, p.3-17, 2004.

moral. Em nenhum dos dois casos, contudo, deixamos de nos referir a uma matéria orgânica. O diferencial está no movimento de contenção e ampliação do termo. Assim, no primeiro caso, nos referimos a algo reduzido, no outro, a algo expansivo. Falaríamos, portanto, sobre uma rigidez que o sentido de *Körper* possui, ao passo que falamos de uma plasticidade do corpo para o sentido de *Leib*.

Sugestões para pensar abordagens e correlações no tema do corpo na filosofia de Kant

A ideia de corporeidade enquanto algo que transcende o próprio corpo foi o que sempre deu margens às reflexões metafísicas na filosofia. O corpo enquanto *Leib*, ao invés de corpo enquanto *Körper*, sempre esteve ligado ao sentido de espírito, alma, imanência e subjetividade metafísica. Em Kant, vamos ver isso sendo encaminhado para a esfera do exercício da crítica que a razão é capaz de resguardar, pois é ela que irá definir o papel de toda a metafísica em sua obra. Podemos apostar em dizer que a criticidade é o médium do espírito definidor da corporeidade para além da determinação orgânica. Isso é o que vai marcar a diferença entre o que Kant afirma em *Observações* para o que ele afirma nos textos críticos. Um exemplo disso é o modo como Kant se refere às mulheres em *Observações* para o modo como se refere a elas em *Resposta à Pergunta: O que é esclarecimento?*, publicado em 1783. Naquela obra, Kant irá tentar definir a mulher como limitada a certas condições orgânicas de seu corpo e irá pensar o símbolo estético e o destino moral a partir dessa perspectiva. Nesse campo irá afirmar que a mulher não deve lidar com complexidades do conhecimento intelectual. Já, em sua fase crítica, no outro texto, Kant, embora mantenha a estetização da condição biológica, chamando a mulher de belo sexo (KANT, 1985, p. 17), irá afirmar que a mulher tem o dever de assumir sua autonomia intelectual e é responsável por tal.

Em suma, o Kant pré-crítico pensa o indivíduo numa perspectiva determinista, já o Kant crítico, pensa o indivíduo numa perspectiva reflexiva e autopoiética e aí, tanto na *Crítica da Razão Prática*, como na *Crítica da Faculdade do Juízo*, não encontramos mais o reducionismo do corpo ao binômio sexual com a força com qual encontramos em *Observações*. Vimos que o tema do corpo se coloca em uma perspectiva mais ampla, assumindo as complexidades da moralidade, da estética e da teleologia. E o que se fala em *Observações* se apresenta como algo superficial perto disso.

A segunda fase do pensamento de Kant traz a ideia de que autonomia crítica é capaz de permitir ao indivíduo, homem ou mulher, sua autoelaboração. Esse caminho passa das capacidades intelectivas do conhecimento à realização moral da humanidade e seu destino (teleologia). A mulher, na perspectiva crítica kantiana, pode ou não se reduzir às forças orgânicas, já na perspectiva anterior, pré-crítica, ela deve se reduzir a elas. Essa autoelaboração dá ensejo ao sentido de corporeidade para além do corpo físico. Não é, contudo, algo espiritual, mas não deixa de ter um caráter de um tipo de metafísica: o sentido de como podemos projetar-nos no devir. Trata-se do que nós fazemos com o nosso corpo e não o que ele, supostamente, define previamente por nós. Esse “nós” é o campo de uma intersubjetividade elástica, que pode, sendo corpo, referir-se ao corpo como fora dele ao mesmo tempo. Isso é o médium crítico e o sentido para o corpo enquanto *Leib*, para além de *Körper*.

O corpo segundo Kant e os desdobramentos dialógicos e críticos na filosofia

Após Kant, o discurso filosófico moderno acenou para temas ligados ao corpo com uma abordagem mais incisiva. Foi o caso de Nietzsche, por exemplo, ao associar o sentido de vontade de potência enquanto força vital metafísica aliada ao corpo orgânico, realizando um diálogo entre corpo físico e corpo subjetivo já proposto por Kant, com as ressalvas devidas relativas à crítica que Nietzsche realiza ao tema da moralidade em Kant (Cf. NIETZSCHE, 2011). Mais à frente, dois outros autores seriam destacáveis para correlacionarmos ao tema, de um lado Foucault e de outro Merleau-Ponty. Foucault, na segunda fase de seu pensamento, após ter publicado *História da Sexualidade* em 1976, discursa sobre o sentido do conceito de crítica a partir de Kant, em uma conferência dada em 1978, com o título “*O que é a crítica? Crítica e Iluminismo*”, na qual vem defender a proposta de Kant para a autonomia intelectual, mas recusa o sentido de obediência à razão. Isso porque Foucault precisa sustentar o que já havia proposto em suas outras obras, em suma, a crítica ao servilismo e obediência a instâncias de poder. A crítica central de Foucault está, especialmente, no tópico da sexualidade. No tomo da obra *História da Sexualidade*, intitulada “*Vontade de Saber*”, Foucault menciona a necessidade de uma investigação histórica acerca dos discursos sobre o sexo e sobre, assim ele diz: “as razões pelas quais acabamos atribuindo um preço quase fabuloso à verdade que tais discursos pensavam produzir. Essas análises históricas talvez terminem dissipando o que esta primeira abordagem parece sugerir”. (FOUCAULT, 1988, p. 70). Esse exercício é de uma criticidade frente aos discursos hegemônicos acerca de supostas forças determinantes que regem o corpo enquanto limitado, por exemplo, ao seu sexo biológico e sua funcionalidade e, mesmo, teleologia. Também é de Foucault a proposta de uma *Estética da Existência* enquanto um processo autopoiético de elaboração de sentidos com atenção à corporeidade (Cf. FOUCAULT, 2004, p. 288-300). De outro lado, Merleau-Ponty tenta salvar a atenção dada a Kant ao fenômeno em suas obras críticas, especialmente a *Crítica da Razão Pura*, de um formalismo, porque, para ele, Kant não resolve a questão do peso e do papel que o “corpo no mundo” tem na percepção dos fenômenos, centrando sua filosofia, ao fim, em transcendentalismo estéril (Cf. MERLEAU-PONTY, 2002, p.136, 241).

Outra abordagem correlacionável à preocupação filosófica com o pensar o corpo pode ser encontrada nos escritos de Peter Sloterdijk, em sua abordagem acerca do que chamará por antropotécnica. Esse recurso de criticidade caberia, a nosso ver, em um diálogo com sua proposta. A antropotécnica consiste na perspectiva de que os corpos instauram a si próprios técnicas de aperfeiçoamento, mudança, transformação e intervenção de modo a colocar em prática corpos distintos, ressignificados e reelaborados para novas e diferentes habilidades na sociedade. Trata-se de um percurso de superação do próprio corpo para gerar, nele, uma espécie de outro corpo. Sloterdijk utiliza o exemplo do corpo aleijado que desenvolve técnicas para a funcionalidade do corpo sem as quais ela não existiria, e toma essa referência para pensar nisso uma lição antropotécnica (Cf. SLOTERDIJK, 2009, p. 99). Esse é o exemplo mais sugerido por Sloterdijk, mas podemos pensar em métodos cirúrgicos para situações diversas dos corpos, com a possibilidade de implantes, dentre outros similares, o que permite novos corpos sociais. Essa prática só existe, aqui pensamos, mediante o exercício crítico e reflexivo acerca das condições transmutáveis do corpo. Um simples recurso de uso de óculos ou aparelho dentário significa um recurso antropotécnico para o corpo. Poderíamos pensar nos corpos das mulheres e seus métodos contraceptivos, que vão de implantes a chips e

também os corpos transexuais na passagem de suas intervenções cirúrgicas. E nisso, encontramos a questão do gênero e do sexo em seu retorno ao problema do corpo na filosofia.

Frente ao corpo no seu aspecto de *Körper*, outra reflexão contemporânea cabível de ser trazida aqui poderia ser, por exemplo, retirada da *Teoria Queer*, que se apresenta a partir de estudos desenvolvidos pela filósofa Judith Butler, com tomadas de outras pensadoras como Simone de Beauvoir, Julia Kristeva e Monique Wittig, mediante a principal tese de que a estrutura determinante do binômio sexual é uma inventividade e se dá enquanto performance programada a uma correspondência com os sexos.

Encontramos em Simone de Beauvoir a seguinte reflexão: “não se nasce mulher, torna-se”. E, para Julia Kristeva, uma das maiores inspiradoras da Teoria Queer, “estritamente falando, não se pode dizer que existam mulheres” (BEAUVOIR e KRISTEVA apud BUTLER, 2003, p.17). Isso é dito na perspectiva de se encarar que não existem mulheres no sentido determinante com o qual se pensa tradicionalmente, na distinção precisa entre capacidades masculinas e capacidades femininas. O gênero é diferente do sexo. O sentido do que gênero mulher deve significar (sua postura, seu comportamento e afins) é um constructo cultural. Ademais, quando a sexualidade orgânica é fator determinante do sentido de corpo na sociedade, a identidade dos corpos estará subsumida à sua prática sexual. Daí a ideia de que essa visão reducionista dá espaço para pensarmos a questão da heteronorma. Por isso, Judith Butler afirma em *Problemas de Gênero* que “há estruturas historicamente contingentes, caracterizadas como heterossexuais e compulsórias, as quais distribuem aos homens os direitos da fala plena e autorizada, negando-os às mulheres.” (BUTLER, 2003, p. 167). Também diz a filósofa Monique Wittig que a categoria de sexo é a categoria que funda a sociedade heterossexual. (WITTIG, 1992). Essas questões colaboram para a saída do reducionismo do destino cultural do corpo da perspectiva genital, reprodutora e sexual, sobre a qual se manifestou, por exemplo, o filósofo Paul B. Preciado em seu *Manifesto Contrassexual* (2004). Diante disso, se tomamos a teoria Queer frente à tese pré-crítica de Kant, sobre o sentido do corpo no aspecto do termo alemão *Körper*, não há outra saída senão considerar em seu texto esse “processo filosófico” de sustentação da perspectiva da heteronorma da sociedade. Na sua fase crítica, contudo, Kant irá sair disso dando a sugestão de uma medida autônoma dos indivíduos da sociedade, incluindo aí, as mulheres na possibilidade de autonomia intelectual (KANT, 1985, 102), o que nos parece a pedra de toque para pensarmos outros tipos de autonomia, abrindo espaço para a sugestão da autonomia com o corpo, ensejando novos desafios para o sentido de cultura e hábito e, nesse caminho, de moralidade, dos indivíduos nas práticas corpóreas.

Em suma, e ressaltando os pontos de distância teórica dos filósofos citados, a proposta de Foucault sobre a crítica ao padrão normativo dos corpos, a ideia de Sloterdijk, de uma antropotécnica como elaboração do corpo para além de suas supostas limitações e enclaves e, segundo a abordagem *queer*, a resignificação do corpo fora da sexualidade institucionalizada pela biologia reprodutiva da heteronorma, podem ser, a nosso ver, sugestivos como elementos-chave para pensarmos o corpo desde o desafio acerca do tema já proposto por Kant, com a garantia mínima de alguns avanços.

Considerações finais

Kant é conhecido, na sua fase crítica, pela sua preocupação com os fenômenos da existência, ou seja com aquilo que nos aparece, e não com a coisa-em-si da existência, ou seja, aquilo que subjaz no que nos aparece. (KANT, 2012). Portanto, a preocupação pré-crítica dele, de encontrar uma condição e um destino determinantes como motor da existência, passível de ser conhecida, cai por terra com as obras de sua fase crítica. É isso que irá delimitar sua passagem para uma possibilidade (controversa) de metafísica crítica e, ao mesmo tempo, para o fim da metafísica tradicional. Atribuir um sentido dogmático ao fenômeno, nesse caso, o fenômeno dos corpos, fugiria de sua perspectiva crítica. O que ele irá sugerir a partir de então é que centremos nossa atenção ao que nos aparece e naquilo que nos aparece possamos exercer a fluidez da criticidade. Mas essa questão não fica resolvida por Kant, ela é meramente sugerida e abandonada, de modo que o nosso esforço em pensar o tema só se justifica na possibilidade de correlação como que se pensou sobre o corpo após Kant.

Observar isso não nos impede, contudo, de entender o papel fundamental de Kant ao propor, ainda que minimamente, pensar o corpo. Ao sinalizar, em sua fase crítica, para “corpos autônomos”, na relação com a autonomia subjetiva, e trazer, nisso, o sentido de *Leib*, para além de *Körper*, já estamos diante de um projeto moderno de pensamento que instaura suas devidas proporções. O *Leib*, na tradição filosófica alemã até então estava relegado à alma, espírito e o que transcendesse o corpo físico. O *Leib*, com Kant, sairá dessa redoma, por assim dizer, sacra, para uma abordagem mais próxima do caráter humano em sua condição de existência com outros corpos em sociedade no uso público de sua razão sobre si próprio. Essa perspectiva recai sobre o modo como o corpo segundo sua fisiologia deixa seu lugar de centralidade para dar espaço ao sentido do humano existencial para além da fisiologia. E acontece o que Simone de Beauvoir já anunciava em *O Segundo Sexo*: “desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata” (BEAUVOIR, 1970, p.55). Esse eixo nos permite ir além da mera consideração sobre o corpo, porque traz luz a uma proposta de se pensar outras instâncias para o contexto da cultura, da moralidade, do recurso da vontade e da reflexão sobre nós próprios e reforça, nisso, algumas perguntas basilares para Kant, quais sejam: “O que posso saber? O que devo fazer? O que me é permitido esperar? O que é o ser humano?”

Talvez a crítica nos conduza a algum caminho, mas, com certeza, por sua natureza, manterá as perguntas, desde a corporiedade humana que as preserva e as gera.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo. Tomo I: Fatos e Mitos*. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos por Manoel Barros Motta. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. Tomo I: Vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Edição Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. *Bulletin de la Société française de philosophie*, v. 82, n. 2, p. 35-63, avril/juin, 1990.

KANT, Immanuel. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?: KANT, Immanuel. Resposta à pergunta "O que é Esclarecimento?"* Edição Bilíngue. Tradução: Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1985.

KANT, Immanuel. *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft*, 1968. Versão em português: KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papirus, 1993.

KANT, Immanuel. *Kritik der Urteilkraft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968. Versão em português: KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução: Valerio Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

KANT, Immanuel. *Kritik der Praktischen Vernunft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968. KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Edição Bilíngue. Tradução: Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, Immanuel. *Kritik der Reinen Vernunft. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft*, 1968. Versão em português: KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução: Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le structure du comportement*. Paris: PUF, 2002.

NIETZSCHE, F. *Vontade de Potência*. Petrópolis: Vozes, 2011.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maura Paula Gurgel. São Paulo: N1 Edições, 2014.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other Essays*. Boston: Beacon, 1992.

SLOTERDIJK, Peter. *Du musst dein Leben ändern: Über Antropotechnik*. Frankfurt, Suhrkamp, 2009.

Recebido em: 06/2023
Aprovado em: 07/2023